

## CONTRIBUIÇÕES DO PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA NA TRAJETÓRIA DE UMA PROFESSORA: VIVÊNCIAS DE UM PROCESSO AUTOFORMATIVO

### *CONTRIBUTIONS OF THE CONTINUED TRAINING PROCESS IN A TEACHER'S TRAJECTORY: EXPERIENCES OF A SELF-FORMATIVE PROCESS*

### *CONTRIBUCIONES DEL PROCESO DE FORMACIÓN CONTINUADA EN LA TRAYECTORIA DE UN PROFESOR: EXPERIENCIAS DE UN PROCESO AUTORMATIVO*

Genilda Maria da SILVA<sup>1</sup>  
Odair França de CARVALHO<sup>2</sup>

**RESUMO:** Com este ensaio teórico-epistemológico procuro pontuar minhas experiências no processo de construção de identidade pessoal e profissional, a partir da vivência na disciplina “Currículo, saberes docentes e práticas pedagógicas”. Apresento as contribuições dessa disciplina no processo de ressignificação e reinvenção de minha postura didático-metodológica, a partir das reflexões ancoradas em André Chervel (1990) e Michael Young (2007). Destaco, também, que o diálogo epistemológico sobre a ação curricular se reverbera de uma ação complexa, e compreendê-la, nesse sentido, é de grande significância, pois tais compreensões constroem uma identidade, que ao mesmo tempo é da pessoa e da profissional. Para tanto, concluo, enfatizando, que ousei traçar este ensaio, de forma metafórica, fazendo uma analogia da minha vida, à poesia de Cris Pizzimenti (2017), a fim de deixar evidente, que a pessoa profissional, que aqui se revela, é um sujeito, que se considera aberta para a mudança, para a busca do Ser Mais, para a realização de uma ação didático-pedagógica interdisciplinar, ousada, contextualizada e sensível.

**Palavras-chave:** Ação reflexiva. Conhecimento epistemológico. Ressignificação da prática.

**ABSTRACT:** *With this theoretical-epistemological essay I try to point out my experiences in the process of building personal and professional identity, from the experience in the subject “Curriculum, teaching knowledge and pedagogical practices”. I present the contributions of this discipline in the process of reframing and reinventing my didactic-methodological stance, based on the reflections anchored in André Chervel (1990) and Michael Young (2007). I also emphasize that the epistemological dialogue about curricular action reverberates from a complex action, and understanding it, in this sense, is of great significance, as such understandings*

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia, com Especialização em Psicopedagogia e Mestra em Educação pela Universidade de Pernambuco (UPE). Professora da Rede municipal de Petrolina – PE, atua como docente na UPE Campus Petrolina - PE - Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6764-9280>. E-mail: [genilda.ms1@hotmail.com](mailto:genilda.ms1@hotmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3624617053833063>

<sup>2</sup> Doutor em educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). É professor adjunto da Universidade de Pernambuco (UPE) Campus Petrolina - PE - Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4864-4510>. E-mail: [odair.carvalho@upe.br](mailto:odair.carvalho@upe.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5201774960666140>

*build an identity, which is both the person and the professional. To this end, I conclude, emphasizing, that I dared to trace this essay, in a metaphorical way, making an analogy of my life, to the poetry of Cris Pizzimenti (2017), in order to make it evident that the professional person, who reveals himself here, is a subject, who considers himself open to change, to the search for Being More, to carry out an interdisciplinary, daring, contextualized and sensitive didactic-pedagogical action.*

**Keywords:** *Reflective action. Epistemological knowledge. Reassignment of practice.*

**RESUMEN:** *Con este ensayo teórico-epistemológico intento señalar mis experiencias en el proceso de construcción de la identidad personal y profesional, a partir de la experiencia en la asignatura “Currículum, conocimientos docentes y prácticas pedagógicas”. Presento los aportes de esta disciplina en el proceso de replanteamiento y reinención de mi postura didáctico-metodológica, a partir de las reflexiones ancladas en André Chervel (1990) y Michael Young (2007). Destaco también que el diálogo epistemológico sobre la acción curricular reverbera desde una acción compleja, y su comprensión, en este sentido, es de gran trascendencia, ya que tales entendimientos construyen una identidad, que es tanto la persona como el profesional. Por ello, concluyo, enfatizando, que me atreví a rastrear este ensayo, de manera metafórica, haciendo una analogía de mi vida, a la poesía de Cris Pizzimenti (2017), para hacer evidente que el profesional, que se revela aquí, es un sujeto, que se considera abierto al cambio, a la búsqueda del Ser Más, para realizar una acción didáctico-pedagógica interdisciplinar, atrevida, contextualizada y sensible.*

**Palabras clave:** *Acción reflexiva. Conocimiento epistemológico. Reasignación de práctica.*

## Introdução

*Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.*  
(BOFF, 1997, p. 9).

Em primeiro lugar, gostaria de pontuar alguns elementos antes de tecer as minhas ideias nesse texto, fato que já faço a partir de agora. Esse momento só é possível pois, nesse processo formativo desencadeado com a minha chegada ao mestrado, possibilitou emergir do meu interior, a capacidade de autoria, de me mostrar, de me revelar, de me experienciar como mulher, professora, filha e naquele momento estudante. Vivências emergidas pelos processos desencadeados nas várias disciplinas, com os professores e com os colegas de turma, as quais potencializam-me a romper com as arenas das ações positivistas, para refletir, reinterpretar e ressignificar epistemicamente meus saberes e fazeres docentes (COSTA; TERRA, 2020).

Destaco também, que em uma das disciplinas no mestrado, um professor, desafiou-me, provocou-me, acreditou no meu potencial de escrita, me possibilitando

alcançar voos que não imaginava ser possível alçar. Voo esse de ousadia, parceria, autoria e na minha potencialidade de Ser Mais. Desabrochando, uma escrita, mais livre e permeada com a capacidade de tecer, fios e tecidos, coloridos, redondos, quadrados, retangulares e reflexivos. Nesse momento, emergia a minha escrita interdisciplinar, metafórica, reflexiva e livre das amarras positivistas, a qual me encanta, e acredito, encanta àqueles que se oportunizam a ler, a interpretá-la e a compreendê-la como ressalta Boff (1997).

Partindo desses elementos, elaboro esse ensaio, que em seu nome já diz ensaiar, que em sua essência traz o erro, a tentativa, a criação, o eu e o nós, as múltiplas possibilidades de estar no mundo, para, nesse experimento, oportunizar-me a atrever-me e a ousar-me com a metáfora da Colcha de retalhos e com o texto - “Sou feita de retalhos” de Cris Pizzimenti (2017, [p.1]) e com isso demarcar as ressignificações que foram dadas aos retalhos que me tecem, constituem a minha vida de profissional e de pessoa, e que me levam a estabelecer relações de dialogicidade com o processo de ensino e de aprendizagem cotidianamente. Essa reflexão dialoga com o que Barros *et al* (2020, p. 1003) permite-me entender a respeito de ser imprescindível pensar o processo de ensino-aprendizagem ancorado de “intencionalidades políticas, econômicas”, éticas, culturais, a fim de impulsionar-me e de inculcar no aluno o desejo de buscas e de reivindicação por melhores condições de vida e de aprendizagens.

Chegar a essa etapa reflexiva requer anos de estudos, de leituras, de compreensões e de aportes teóricos, os quais fizeram-me entender a educação e o ensino-aprendizagem como uma via de mão dupla, sob a qual eu também tenho minhas “parcelas” de contribuições para o sucesso e/ou para o fracasso do aluno e de minha própria formação. Posso afirmar que minha experiência docente só fez sentido, quando entendi e assumi o compromisso com a formação do aluno em seus múltiplos aspectos, rompendo com as posturas positivistas, que inviabilizam a ressignificação do saber-fazer docente e com os jargões normativos, de que o professor está para ensinar e que o aluno está para aprender.

Nesse aspecto, recorro a Barros *et al* (2020), por permitir-me afirmar que, para ensaiar minha trajetória docente, fez-se necessário, *a priori*, revisitar minhas experiências de docente e de pessoa, oportunizando-me a um exercício precioso de retomada e de (re)vivências às memórias ocorridas em um dado tempo/espço, as quais, necessitaram ser refletidas, (re)pensadas, compreendidas, a partir daquele tempo/espço, para que, *a posteriori*, pudessem ser ressignificadas. Destaco, ainda, a relevância desse

movimento, pois enquanto sujeito da educação, que assumi e assumo o compromisso com a formação humana e com a transformação social, devo estar preparada para esses movimentos “como na onda do mar”, os quais vislumbram, transcendências político-social-emancipatória.

Compreender que o ensino significativo consiste em uma ruptura de ações meramente burocráticas implica humildade, empatia, aceitação da crítica do aluno para fazer uso dessa crítica como processo de autoavaliação. Esses elementos foram primordiais para que eu pudesse rever e dar novos significados a minha prática docente, assumindo, assim uma postura crítico-reflexiva com minha *práxis* pedagógica no dia a dia.

Busco, também, apresentar as contribuições da disciplina “Currículo, saberes docentes e práticas pedagógicas”<sup>3</sup>, no processo de ressignificação e reinvenção de minha postura didático-metodológica, mediante as discussões e debates focados em André Chervel (1990), que permitiu-me compreender o papel e a finalidade das disciplinas no contexto escolar e em Michael Young (2007), que reflete a respeito de a educação se preparar para mediar a construção do conhecimento útil ao sujeito e poderoso à realização de suas necessidades.

Sou feita de retalhos e de pedacinhos e de pedaços que se cruzam e se entrecruzam em um ir e vir do infinito, como assim canta Lulu Santos (1983), na canção “Como uma onda do mar”. A poesia e a música me encantam, porque elas revelam, de mim, as essências, as belezas e ousadias que me constituem. Revelam, também minha coragem, determinação, e até o medo que às vezes insiste em querer me paralisar. Digo às vezes, porque acredito muito nesses pedaços coloridos e/ou cinzentos que constituem meu caminhar e, que, sempre me dão forças para emergir renovada, reestabelecida, como no processo de transmutação, de metamorfose, de transformação.

Nesse, sentido, refletir e relatar sobre a trajetória da docente, formadora de professores, que tem uma identidade revestida por retalhos coloridos e cheios de múltiplos pontos, é sem dúvida, um prazer imensurável, pois percebo, que desde o processo de graduação em Pedagogia, muitas reflexões e implicações às mudanças me foram potencializadas, por isso, posso afirmar que esse processo de construção, de buscas e de inquietações, o qual iniciou, com o ingresso na docência na Educação

---

<sup>3</sup> Vivenciada no 2º semestre de 2018, no Programa de Pós-Graduação e Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPI) no *Campus* Petrolina – PE.

Básica, *a priori*, e, *a posteriori*, na Educação Superior me constitui como diz Pizzimenti (2017, [p.1]), de “[...] Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma”, pois “sou feita de retalhos, [...] nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas que me acrescentam e me fazem ser quem eu sou”: uma pessoa encantada pela educação no sentido de incitar para transformações.

Dessa forma, destaco também, que busquei estruturar este texto, a partir de três recortes, os quais considero como mais marcantes durante a trajetória do ir e vir, em busca de novos tecidos, para acrescentarem à minha formação, que estava inquieta a respeito de algumas situações do contexto formativo do pedagogo e que necessitavam ser revisitados e repensados. No primeiro recorte, busco materializar as múltiplas reflexões e os diversos desequilíbrios provocados pelo estudo sobre a concepção curricular e de ensino de Chervel (1990). No segundo, traço alguns apontamentos, a respeito do currículo útil e poderoso, conforme a visão de Young (2007), e do papel da escola no contexto social. É relevante destacar, que dessa vez, as tensões e contradições acerca do elemento ‘currículo’ já estão mais acomodadas, haja vista as compreensões construídas no primeiro retalho.

E no terceiro, teço as reflexões teórico-epistemológicas constituídas e que contribuíram para transformações exitosas na ressignificação de minha identidade de mulher, de pessoa, de professora, pois nesse movimento incrível do devir a ser “[...] mais humana, mais completa [...]” (PIZZIMENTI, 2017, [p.1]), compreendi, que “tudo o que se vê não é igual ao que a gente viu há segundo, tudo muda, o tempo todo, no mundo, não adianta fugir, nem mentir pra si mesmo [...]” (SANTOS, 1983). Por fim, apresento alguns apontamentos dessa trajetória, que apesar de possuir alguns pedacinhos de desencontros, é reverberada de muita aprendizagem, reflexão/ação e transformação.

### **Em cada retalho, um pouco de mim: reflexões que se materializam em experiências**

É dessa forma que me sinto, cheia de pedacinhos coloridos. A Pós-Graduação, por meio do Mestrado Profissional em Educação, possibilitou-me vivências, que se desencadearam em experiências relevantes, inclusive, para o fortalecimento de minha *práxis* docente, neste atual momento, em que a educação, a sociedade e o mundo enfrentam a crise provocada pelo novo Coronavírus. Ouso, inclusive a afirmar, que o processo de construção e reconstrução, que o Mestrado inculcou em mim,

especialmente, a partir das discussões, leituras, inquietações, questionamentos e provocações, direcionados na disciplina, permitiu-me mergulhar nesse novo momento, em que a educação se reinventa, para garantir que os prejuízos no processo de construção de conhecimentos do aluno sejam minimizados e emergir dele, com a confiança de que as incertezas, concernentes neste contexto, fortalecer-me-ão, para o desenvolvimento da ação didático-pedagógica reflexiva, pois reconheço que nem toda ação é reflexiva, mas neste caso comparo-a como no movimento de uma onda no mar, que vai e vem, mas que sempre se refaz.

Quero acrescentar ainda, que quando penso no processo de ação/reflexão/ação, a partir de minha prática, compreendo-o, inclusive alcançando o meu aluno para lhe favorecer esse mesmo exercício: ação a respeito da aprendizagem adquirida; a reflexão sobre essa aprendizagem e as contribuições que ela lhe potencializará na vida, no meio em que está inserido, conduzindo-o a uma nova ação, para que sejam feitas outras reflexões sobre a ação/reflexão, e assim, garantir uma construção de fato significativa, consciente e ontológica, como em um movimento, em que os pedaços de retalhos se unem. Esse processo, de pensar a educação a partir desse enfoque me deleita de esperanças, de prazeres, de convicções, pois acredito, que é por meio da educação que a formação e a compreensão holística do sujeito e do conhecimento se concretizarão.

É evidente, que esse diálogo só reafirma o quanto sou apaixonada pela educação, pelas possibilidades que o fazer docente desperta, tanto no aluno, quanto no professor. Aliás, eu sempre fui apaixonada pela educação, e sempre quis ser professora, por isso, é que busco a todo instante, incansadamente, a me reinventar e a me ressignificar, a fim de proporcionar ao meu aluno, o desejo, que é muito vivo em mim de Ser Mais, como defende (FREIRE, 2011). Esse autor destaca, que

[...] é preciso, porém, que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para o Ser Mais como expressão da natureza humana em um processo de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser, não é na resignação mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos. (FREIRE, 2011, p. 76).

Essa reflexão de Freire (2011), consente com os versos de Pizzimenti (2017), quando dialoga a respeito de cada retalho que constitui a colcha de retalhos. E que nesses retalhos, eu posso observar, e, dizer com clareza, que mediante os muitos debates



ocorridos na disciplina de “Currículo, saberes docentes e práticas pedagógicas” do Mestrado em Educação, eu pude perceber, que diversos saberes e práticas já reverberavam na minha ação docente. Os diálogos naquele espaço de problematizações, aproximaram-me de uma reflexão teórica-epistemológica mais contundente, de tal modo, que foi possível desmistificar os diversos enigmas que, ainda, concerniam as compreensões acerca das complexidades sobre o currículo escolar.

É fato que eu compreendia o currículo como um conjunto de elementos, que potencializa reflexões e compreensões acerca da organização escolar, como um elemento de ideologia e cultura, de ideologia e política, de ideologia e poder, assim como a partir de suas teorias: a tradicional, que visa que os objetivos de ensino sejam transmitidos de forma neutra; a crítica, que orienta a construção do conhecimento com vistas às realidades do mundo, e a pós-crítica, que defende a importância de enfatizar o processo de formação humana, aportado nas subjetividades, nas diferenças, potencializando, a construção da identidade do sujeito de forma humanizada, problematizada e reflexiva (MOREIRA; SILVA, 1994).

Entendia também o currículo escolar como elemento normativo, que estabelece poder frente a organização escolar, pois prescreve normas, as quais orientam o funcionamento da escola e o desenvolvimento da prática do currículo de forma técnica; e como ação crítica, àquela que postula e amplia as oportunidades de o conhecimento humano contemplar a aprendizagem significativa e complexa. Ao compreender o currículo nessas perspectivas, sinto a necessidade de apoiar-me em Lopes (2004) que o defende como a necessidade de ser compreendido a partir de uma proposta de recontextualização, a qual corrobora com dialogidade, com valorização das múltiplas identidades e culturas dos sujeitos. Nesse sentido, entendo ainda, que quando o currículo é pensado e defendido dentro da escola a partir dessa roupagem, consequentemente todos os alunos podem ecoar suas vozes a respeito de suas apreensões e de suas necessidades. É com vistas a essa educação que invisto. É para atuar com essa perspectiva que estou e que sou docente.

No entanto, iniciar a compreensão teórico-epistemológica sobre currículo escolar, a partir dos debates, numa roda de conversa, mediante a apresentação de um trabalho, o qual a equipe utilizou a técnica do programa de TV, para mediar os debates, sobre a “História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa” do autor André Chervel (1990), foi sem dúvida uma proposta bem desafiadora, pois o autor, dialoga a partir de um contexto de complexidades, o qual procura esclarecer a

temática que intitula o capítulo, por meio de uma linguagem bem abstrusa. Confesso, que necessitei retomar a essa leitura por diversas vezes, a fim de poder apreendê-la epistemologicamente. E, como diz Freire (2011), é preciso entender, que é a rebeldia e não a resignação, que mobiliza o sujeito para a busca e para a transformação do conhecimento. Destaco ainda, que, este debate foi tão envolvente, que possibilitou reflexões epistemológicas em toda a turma.

Acrescento também, que é muito interessante, quando o processo de formação continuada, contribui, sobretudo, para o processo de autoformação. Assim, enfatizo, que essa ação se deu o tempo todo, pois os retalhos foram se juntando em cada momento de leitura, debate, reinvenção ou de desconstruções numa conjuntura, em vista da construção da colcha – do meu eu, que entendo, ainda não está totalmente pronta/pronto, mas que contém belos pedaços de retalhos. Nessa perspectiva, elenco, também, que Chervel (1990), me provocou a entender o sentido das disciplinas escolares, permitindo-me (re)construir-me, a partir da compreensão, acerca da ação de ensinar a disciplina, haja vista que tal ação se desencadeia na transformação da ação pedagógica e, é por meio dessa ação pedagógica, que o professor deve, coerentemente, potencializar ao aluno para o desenvolvimento da aprendizagem.

Assim, concordo com Costa e Terra (2020), quando enfatizam que por meio do debate sobre um texto, deve-se potencializar espaço de reflexão, de criticidade para, a partir da leitura realizada levar o leitor a posicionar-se como agente crítico-reflexivo, capaz de pensar e de solucionar problemas que concernem o meio social-político-econômico.

Muitos elementos dos saberes docentes e do currículo escolar estão presentes nessa ação provocativa de Chervel (1990). Ensinar, constitui-se de um saber docente, o saber da experiência, que é aquele em que o professor adquire no fazer do dia a dia, em um dado tempo e espaço, assim como é um elemento precioso do currículo, o qual constitui-se de um ato pedagógico complexo, que envolve atividades, posturas docentes e discentes, recursos pedagógicos, relações de tempo e de espaço (CHERVEL, 1990). Neste momento, recorro a Larrosa Bondía (2002), para materializar a experiência vivida no processo de formação vivenciada no mestrado, que possibilitou um desencadear de sensações e talvez a mais importante de ecoar, de (empoderar) a minha voz, pois como o próprio autor coloca a experiência é singular para o sujeito, pois



[...] a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 21).

Após essa experiência, reconheço que os conhecimentos disciplinares, estão relacionados ao saber da disciplina propriamente dita, tanto em um aspecto científico, quanto disciplinar. E o conhecimento curricular, a respeito de como funciona a instituição de ensino, para qual a ação de ensino-aprendizagem será mediada. Na visão, de Chervel (1990), o ensino contribui para formar espíritos esclarecidos. E na minha concepção, essa lógica do autor dialoga com o pensamento freiriano a respeito da “vocação para o Ser Mais” (FREIRE, 2011, p. 76). Penso, que quando o sujeito se oportuniza a essa busca constante, evidentemente, ele será capaz de se ressignificar e de romper com as resignações, que o engessam e/ou alienam. Entretanto, é importante, o exercício de revisita às memórias, às experiências e às vivências (BARROS *et al*, 2020).

Entendo, também, que por meio da rebeldia para querer SER MAIS, posso, inclusive, tornar-me crítico, reflexivo, compreensivo e, principalmente, contribuir para a construção do pensamento transformador e humanizador do aluno. E, nesse ir e vir desse processo de formação continuada, que se configura também de autoformação, me percebo como “em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior [...] Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade [...] Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa” (PIZZIMENTI, 2017), cheia de experiência que é tocada, que vivencia, e que experimenta cada lição, cada aprendizagem, cada reinvenção (LARROSA BONDÍA, 2002).

Nesse sentido, destaco então, que pensar o currículo a partir de uma perspectiva teórico-epistemológica, pressupõe uma compreensão complexa, pois é relevante, perceber que esse elemento, que, durante muito tempo, assumiu a identidade de poder no contexto escolar, na sociedade do conhecimento, a qual se apresenta globalizada, necessita se recontextualizar, para atender as necessidades pedagógicas deste contexto em que essa sociedade se vê. Então, partindo desse pressuposto, enxergo, na realização do Mestrado, momentos que me potencializaram um despertar e um compreender, que nas palavras freiriana, revela-se de um reler o mundo, e eu, um pedaço dele. Assim, múltiplas concepções e conhecimentos foram e estão todo tempo sendo construídos e

reconstruídos. Compete, então, colocá-los em prática. Colocá-los na prática, mediante uma ação reflexiva, crítica, teórico-epistemológica.

Com essas reflexões, elenco, ainda, que, ensinar parece ser uma tarefa bem simples. Na verdade, não é, pois é relevante conhecer esse fazer nos aspectos disciplinares, científicos e epistemológicos, para poder encontrar caminhos favoráveis a mediação do ensino e da aprendizagem. E esse caminho percorre pelo fazer da prática docente, a qual é constituída de conhecimentos, saberes docente e leituras de mundo, os quais necessitam, constantemente serem ressignificados, para o tempo e/ou para o espaço em que o ensino vai acontecer. Essas ações constituem elementos do currículo crítico, recontextualizado e dialógico.

A mediação da aprendizagem, configura-se também de um processo precioso denominado de intervenção. É a partir da mediação, que o professor se aproxima ou não do aluno, que percebe suas fragilidades e suas capacidades, que busca caminhos para evitar o fracasso escolar. Assim, reafirmo, a ação de ensinar é por si só, um processo de extrema complexidade. Entretanto, na minha visão, nenhum outro fazer é mais significativo que esse. Para mim, ensinar é viver, é me constituir, e me permitir ser o que eu quiser ser. Chervel (1990), só reforçou essa crença que já havia dentro mim. Vivenciar tudo isso, fez-me lembrar da obra de Leonardo Boff – “A águia e galinha - Uma metáfora da condição humana”,

[...] a cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. (BOFF, 1997, p. 9).

Frente a isso, ressalto ainda que, epistemologicamente, procuro me constituir de compreensões acerca do fazer docente, ação, que alimenta minha alma e que engrandece o meu viver. Busco inclusive, entendê-la, a partir das necessidades e das realidades de onde piso. E, pedagogicamente, procuro direcionar o meu fazer aportado de ações interdisciplinares, reflexivas, subjetivas, as quais, primam, principalmente pela aprendizagem significativa do aluno, mediante o conhecimento das singularidades desse sujeito. Para mim, só faz sentido ser professor, se for para marcar, significativamente a vida do aluno e, para inculcar nele o desejo de alçar grandes e inusitados voos. O Mestrado em Educação me possibilitou isso. O professor da disciplina, além disso,

acreditou em mim, em minhas potencialidades, viu capacidades, que nem eu as enxergava. Então, aporto-me na docência, para incitar em meus alunos o desejo de também se autoconhecerem, uma competência necessária, para atuar em sala de aula.

### **O currículo útil e poderoso: contribuições de Michael Young para a construção da colcha de retalhos que entrelaça o meu processo formativo**

Entendo que sempre “[...] haverá um retalho novo para adicionar a alma [...]” (PIZZIMENTI, 2017, [p.1]), o qual pode estar carregado de tensões e expectativas, de certezas e incertezas, de objetividades e subjetividades. Nesse sentido, recordo-me das discussões realizadas a partir da aula, em que nosso convidado para o debate foi Michael Young, um sociólogo, que defende a necessidade de pensar sobre o que deve ser ensinado nas escolas, a fim de potencializar, que o conhecimento corrobore em uma ação útil e de poder, ou seja, com vistas a essa perspectiva, o currículo escolar, deve ser elaborado para a emancipação do conhecimento e, principalmente, para potencializar que as tensões e os conflitos sejam superados de forma exitosa no processo de ensino-aprendizagem, pois “nada do que foi será de novo do jeito que já um dia, tudo passa, tudo sempre passará” (SANTOS, 1983).

Sem dúvida conhecer os pensamentos de Young (2007), foi renovador, pois entender como ele defende a construção do conhecimento útil e poderoso foi mais renovador ainda para mim, pois pude estabelecer relações desse conhecimento, com o Ser Mais, com o processo de humanização, de problematização e de construção cognoscente do sujeito, defendidos por Freire (2011). Assim, como consegui compreender também, que, para essa formação, é imprescindível que a escola, atue como um espaço de reflexão, rompendo com a postura de ensino alienador, pautada na ideia de fábrica de transmissão de informação/conhecimentos como debate Santomé (1998). Para Santomé (1998) é de extrema relevância que o currículo escolar seja construído de forma integrada, pois esse contexto contemporâneo, vivencia-se em um meio de globalização e de muitas transformações. Principalmente, neste momento em que, de um lado, a sociedade é tomada por um crescimento aligeirado da tecnologia da informação, e por outro, por uma crise sem precedentes, provocada pela Covid 19<sup>4</sup>, que assola e desestabiliza as estruturas organizacionais, pedagógicas e as certezas humanas.

<sup>4</sup> A COVID-19 é uma doença causada pelo Coronavírus, denominado SARS-CoV-2. Ela apresenta um quadro clínico que varia entre infecção assintomática e infecções graves, de modo que pode provocar à

Na roda de conversa, o diálogo decorria sobre o texto “Para que servem as escolas” do autor Michael Young (2007). Uma pergunta bem provocativa, pois como já ressaltado anteriormente, a respeito da ação de ensinar, parece óbvia a resposta. Entretanto, compete algumas reflexões, relevantes: A escola tem de fato potencializado a construção do conhecimento para a sociedade contemporânea, ou seja, por meio do processo de ensino-aprendizagem os retalhos têm se unido, e tornado as pessoas mais humanas, mais humildes, mais gentes, mais empáticas? O currículo escolar estar organizado com vistas ao exercício educativo que prima pelas singularidades e pelas diversidades, contemplando, de fato os pedacinhos coloridos ou não, que vão passando pelas salas de aula, e que sem dúvida, vão se tecendo, em vistas de uma linda tecitura? A escola tem se comportado como um espaço de formação e de emancipação humana, sob o qual permite que “[...] pedaços de outras gentes vão se tornando partes da gente também [...]” (PIZZIMENTI, 2017, [p.1]) O currículo escolar tem atendido as dimensões interdisciplinares e subjetivas da educação?

Frente, a essas questões, evidencio, que Young (2007), potencializou-me reflexões preciosas, além de possibilitar o diálogo na roda de conversas de que a escola é responsável pela construção do conhecimento, a partir da provocação do sujeito aprendente com o objeto de estudo, para que nessa relação, estabeleçam envolvimento, os quais serão potencializadores do conhecimento útil e poderoso. E afinal o que é mesmo esse conhecimento útil e poderoso? Para mim, são os conhecimentos, os saberes reverberados de significados, de complexidades, de compreensões, de valores, de ousadias, de atitudes, que respeitam as identidades e as diversidades, “[...] que me permitem engradecer minha história com os retalhos deixados em mim [...]” (PIZZIMENTI, 2017, [p.1]).

Assim sendo, compreendo, que as discussões sobre o currículo, a partir dos debates provocados por Young (2007), potencializaram-me transmutações de conhecimentos, de modo que percebo, que algumas lacunas acerca desse debate foram preenchidas, assim como foi possível romper com algumas barreiras, que ainda engessavam o conhecimento a respeito do currículo escolar, na perspectiva de cultura e poder, haja vista que, para pensar no construção e na transformação do conhecimento

---

morte. Desde o final de 2019, ficou classificada como uma pandemia mundial, levando às pessoas a se reinventarem e a se adaptarem às questões sociais, econômicas, educacionais, higiênicas. O Brasil registra, atualmente cerca de 250.000 mil mortes. (02/2021).

útil e poderoso, é importante, *a priori*, recontextualizar-me, para, *a posteriori*, perceber-me nessa formação e/ou transformação ontológica, holística, globalizada, complexa.

Sendo assim, destaco, então, que como docente, formadora de professores, sinto-me com a responsabilidade de atuar frente a essa conjuntura de fazer docente, em que a ação mediadora se entrelaça de interdisciplinaridade, de fazer integrado, de valorização das singularidades, de reconhecimentos das diversidades, compreensão sobre as complexidades que concernem meus alunos individualmente. Sei que essa tarefa é um tanto desafiadora, mas a formação continuada me permite reflexões, para que eu possa encontrar caminhos que supram essas especificidades. A docência me encanta na verdade, por ser constituída de desafios e complexidades. E é para meus alunos que a vivencio e a experiencio. Acredito nessas ações. E procuro colocá-las em prática no meu dia a dia, pois entendo, que agindo com empatia, humildade, amor, ousadia, coragem, e por meio do exemplo, irei provocar a construção do conhecimento útil e poderoso, o qual se revelou, significativamente em minha vida, em minha formação.

### **Reflexões teórica-epistemológicas acerca da identidade que se forma em mim: a busca da completude da colcha**

Dialogar sobre minha identidade docente e sobre os saberes que a constituem, é sem dúvida me reportar a uma cesta de diversos retalhos, cada um com características singulares e também plurais, porque, a minha identidade é de fato bem complexa, pois como dizem Nóvoa e Amante (2015) sou pessoa, sou profissional. E a pessoa não se distancia da profissional docente que sou, sou cheia de “[...] pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que eu vou costurando na alma [...]” (PIZZIMENTI, 2017, [p.1]). E quantas tecituras, são feitas em minha alma, em minha consciência, em minhas vivências e em minhas experiências de pessoa e de profissional docente!

Esse movimento harmônico, com o qual tenho me envolvido na educação – formação docente – processo de ensino-aprendizagem – transformação humana, tem me potencializado inúmeras reflexões e inquietações fascinantes e, principalmente, muitos ressignificados, pois, quando a identidade docente se reveste por um viés reflexivo, conseqüentemente, configura-se de saberes complexos, os quais permitem entender a necessidade e a relevância de poder se lançar para a busca do Ser Mais; para o processo de ação/reflexão/ação; para a realização de um trabalho interdisciplinar; para a compreensão que o ensino e a aprendizagem só se revelam de ação significativa se for

mediada por meio da empatia, da contextualização das situações vivenciadas e experienciadas. E é assim que me defino, enquanto pessoa, enquanto profissional. Aproveito, inclusive, para agradecer a cada um que faz parte de minha vida e contribui com um pedacinho e/ou pedaços, para a construção do que sou.

Nesse sentido, entendo, ainda, que para ser professora reflexiva, preciso também me colocar como ponte no processo de ensino-aprendizagem. Para Kachar (2002, p. 75-76) “[...] ponte está presente na ideia de ligação, de ligar, atar, tornar conexo, unir. [...] ponte remete a outra ideia de travessia, que implica desafio e perigo [...]”. Em ambas as situações a palavra ponte me define bem: Primeiro, quando assumo o papel de docente, entendo que devo atuar como sujeito nesse processo, por isso, estou nele e para ele, ou seja, assumo a identidade, construída de reflexões, de ações e de ressignificados e reinvenção construídos, desconstruídos e reconstruídos no caminhar do fazer docente e de formação continuada.

Segundo, sinto a necessidade de está ao lado de cada aluno, para juntos enfrentarmos os possíveis desafios e/ou perigos, que o ensinar e o aprender descortinam em algumas situações e/ou alguns momentos. Confesso, que esse é de fato o melhor e o mais prazeroso ato da ação, que exerço, haja vista que me coloco frente às dificuldades dos meus alunos, da minha sala de aula, da realidade social, cultural, intelectual, intercultural, que eles têm, para, compreender tais realidades, e a partir dessa compreensão, transformar meus conhecimentos, meus saberes em nova compreensão como ressalta Shulman (2015), e assim, mediar a ação docente, de forma interventiva, para que meu aluno construa sua aprendizagem de forma consciente e autônoma. Ensinar para os desafios, para as situações complexas, é o que me encanta nesse fazer. Afinal, qual é a graça que se tem de ensinar, quando os entraves não lhe põem à prova?

Diante disso, ressalto que, por meio do olhar reflexivo, a minha identidade docente consegue se fortalecer, teórico-epistemologicamente, à luz de situações de inovações, de desafios, de incertezas, de complexidades, de subjetividades como faz-me entender Morin (2015). E ainda, nessa perspectiva entendo, também, que “*The future's in the air, I can feel it everywhere, Blowing with the wind of change*” (o futuro está no ar, eu posso senti-lo em todo lugar, soprando com o vento da mudança) (SCORPIONS, 1991)<sup>5</sup>. E esse futuro a todo momento é diferente. Esse futuro, está bem mais próximo do que eu posso imaginar, então, compete a mim estar preparada para recepcioná-lo

---

<sup>5</sup> Tradução nossa.



adequadamente. Para assim, “[...] de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de ‘nós’ [...]” (PIZZIMENTI, 2017, [p.1]).

Diante do exposto, reafirmo ainda, que, possuo uma identidade, que além de ser reverberada por pedaços, pedacinhos e/ou pedaços de retalhos de outrem, que engradem a minha alma, a minha vida, a minha vivência e experiência formativa, carrego comigo muitos desejos: desejo de contribuir para a transformação humana e social; desejo de inculcar em meus alunos e em todos à minha volta a crença de que é possível Ser Mais; desejo de que a sociedade do conhecimento, que é globalizada, torne-se humanizada; desejo de um trabalho educativo pautado na parceria, na humildade, na ousadia, na busca, na reinvenção, na contextualização.

### **De retalho em retalho se forma uma colcha**

Revelo, que até minha chegada ao mestrado em 2018, minha ação didático-pedagógica assumiu diversas posturas, desde as mais tradicionais, quando vivenciei experiências nos primeiros anos de minha carreira profissional, na Educação Básica, na década de 90 e, que hoje, compara-as a roupagem normativa do currículo, até às crítico-reflexivas, que viabilizam mudanças e transformações, as quais começaram com a formação inicial em Pedagogia e se estendem no decorrer de todo meu processo de formação continuada e de autoformação.

Como citado na introdução, sempre fui desafiada a me redescobrir. E produzir este ensaio foi mais um desafio, dado o estilo de escrita que ele requer: o uso da primeira pessoa no singular. O fato de tratar de minhas experiências e vivências formativas, fazia necessário aceitar tal desafio. Chegando ao final, percebo, o quão é gratificante estar aberta à mudança, ao desafio, à reinvenção, à ressignificação. Não basta, apenas, me sentir sujeito disposto a mudar, é necessário, vivenciar, na experiência, do lugar, de onde o sujeito fala e vive, a mudança, para perceber, de fato, essa relevância e as contribuições que a ação de mudar potencializa ao eu.

Transpor-me da escrita na forma impessoal, creio que foi tão complexo, quanto assumir a identidade de docente para a atual complexidade, que se vive em meio à crise provocada pela pandemia do Coronavírus e ao desafio do ensino remoto e aos recursos do *Google Education*<sup>6</sup> e tantas outras ferramentas, tão presentes e ao mesmo tempo, tão

<sup>6</sup> É uma plataforma educacional colaborativa da Google que oferece vários produtos aos usuários, dentre eles: Agenda, *Gmail*, *Google Meet*, *Calendar*, *Drive*, *Docs*, *Forms*, *Slides*, *Classroom*, entre outros. Estes

distantes. Entretanto, ressalto, que por acreditar em mim e nas minhas potencialidades, assim como acredito no outro, percebi no construto dessa obra de arte, relatada a partir da analogia da colcha de retalhos, as diversas reflexões teórico-epistemológicas depositadas no texto e as contribuições que elas podem potencializar àqueles, que ainda não se arriscam, e vivenciam em meio às certezas. É preciso ousar e estar disposto a vivenciar e a experienciar às incertezas, às subjetividades, o inusitado.

Creio, que, o que facilitou, o enfrentamento desse desafio, foi o fato de me sentir aberta à mudança, ao desejo de querer vivenciar e experimentar o novo, o diferente o inusitado, haja vista este ter sido o primeiro dos muitos ensaios, que escreverei. Destaco o quão gratificante foi dialogar a respeito de minhas experiências e do amadurecimento que o Mestrado em Educação, me proporcionou. Atualmente, sinto-me preparada para ministrar a disciplina de Currículo, em meio às complexidades que a reverberam, na graduação em Pedagogia.

Diante disso, aponto então, que meus objetivos foram atingidos de forma significativa, tendo em vista que ficou evidente, que em cada tracejo de meu bordado elenquei pontos e “nós”, que contribuíram, relevantemente, para a minha formação e para a construção da identidade de pessoa, de mulher, de docente, de filha, de amiga e de estudante, que permaneço sendo, pois compreendo, que, quando estudo, quando leio sobre os diversos fenômenos da contemporaneidade, revisto-me de conhecimentos, os quais me encaminham para a construção de ser que defendo para vida e para uma formação consolidada, holística, ontológica, complexa, interdisciplinar, humanizada, reflexiva.

## Referências

BARROS, Josemir Almeida *et al.* Memórias de professores e professoras rurais sobre o fazer docente em Rondônia, fins do século XX e início do XXI. **Educa - Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 7, n. 17, p. 998-1024, 13 dez. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.26568/2359-2087.2020.5548>. Disponível em: <https://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/view/5548>. Acesso em: 28 de fev. 2021.

---

serviços atingiram seu auge durante o ano de 2020 devido a impossibilidade da realização das aulas presenciais, por causa da pandemia de COVID 19. Esta ferramenta é disponibilizada para escolas e universidade de maneira gratuita com limitação de serviços. Saliento ainda, que mesmo com as limitações, é possível desenvolver uma ação docente provocativa e inovadora por meio dessa ferramenta, oportunizando-se a encarar o novo e o inusitado que sempre chega e que provocou muitos desafios, inclusive para o contexto educacional.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. In: CHERVEL, André. **Teoria & educação**. 2. ed. [s.l.], 1990, p. 177-229.

COSTA, João Augusto Galvão Rosa; TERRA, Dinah Vasconcellos. Narrativas epistemológicas sobre o campo do currículo: reflexões de um mestrando. **Educa - Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 7, p. 435-451, jan./dez., 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.26568/2359-2087.2020.4529>. Disponível em: <https://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/issue/archive>. ISSN: 2359-2087. Acesso em: 17 de set. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

KACHAR, Vitória. Ponte. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LAROSSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. [online]. n. 19, 2002, p. 20-28. ISSN: 1413-2478. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 de set. de 2020.

LOPES, Alice Casimiro. Políticas curriculares: continuidade ou mudança de rumos?. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 26, p. 109-118, Maio-Ago., 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782004000200009>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782004000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000200009&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 de set. de 2020.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. 5. ed. Porto Alegre: Salina, 2015.

MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu. **Currículo, cultura e sociedade**. (orgs.). São Paulo: Cortez, 1994.

NÓVOA, Antônio; AMANTE, Lúcia. Em busca da liberdade universitária do nosso tempo. **Revista da Docência Universitária**. Valência, Espanha. v.13. n. 1. jan./abr, 2015, p. 21-34. DOI: <https://doi.org/10.4995/redu.2015.6441>. Disponível em: <https://polipapers.upv.es/index.php/REDU/article/view/6441>. Acesso em 17 de set. 2020.

PIZZIMENTI, Cris. Sou feita de retalhos. **Revista Consciência**. 6 de ago de 2017. [p.1]. Disponível em: <https://revistaconsciencia.com/sou-feita-de-retalhos>. Acesso em 28 de fev. 2021.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Tradução de Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artemed, 1998.

SANTOS, Lulu. Como uma onda no mar. *In: O ritmo do momento*. WEA, 1983. Faixa 4. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/pop.LuluSantos>. Acesso em 14 de agosto 2019.

SCORPIONS. Wind of change. *In: Crazy World*. Billboard, 1991. Faixa 1. Disponível em: <https://whiplash.net/materias/curiosidades/205647-scorpions.html>. Acesso em 10 de julho 2019.

SHULMAN, Lee. Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma. **Cadernos Cenpec**. Nova série, São Paulo, v. 4, n. 2, jun., 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.18676/cadernoscenpec.v4i2.293>. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/293>. Acesso em: 28 de fev. 2021.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas?. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1287-1302, Dez. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000400002>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302007000400002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000400002&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 28 de fev. de 2021.

**Enviado em:** 29/09/2020.

**Aceito em:** 10/02/2021.

**Publicado em:** 07/08/2021.